

Introdução

Escrever é relembrar a educação alienante, fazer uma viagem no tempo para resgatar os destroços de um “eu” estilhaçado, usar a memória para recuperar um saber ancestral; escrever é se rebelar e dizer “não” a todas as pressões/repressões/opressões sofridas. E, ao cabo desse processo de desnudamento interior, a mulher que escreve acaba descobrindo uma identidade própria- ainda frágil, talvez, mas decidida a lutar em favor de sua realização.

(Euridice Figueiredo, 2013)

O objetivo deste trabalho² é apresentar uma parte dos estudos que realizei a partir das relações de confluência e divergência do lugar dos corpos femininos e das representações de violência de gênero nos romances, *As três Marias* (1939), de Rachel de Queiroz e *As Meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles, bem como perceber como ocorreram as violências de gênero nas obras e de que maneira repercutiram nos padrões machistas da época.

Rachel de Queiroz e Lygia Fagundes Telles deram vozes às problemáticas de personagens que representavam mulheres jovens e adultas que conviveram em épocas distintas e em contextos geográficos distantes. O primeiro romance, *As três Marias*, no Ceará, na década de 30 e o segundo, *As Meninas*, em São Paulo, na década de 70. Nas duas obras, as narrações aconteceram mediante as vozes femininas, suas personagens centrais foram mulheres que buscavam entender seu lugar no mundo. Ambos os enredos foram pautados na crítica aos comportamentos sexistas e na abordagem da desconstrução da condição feminina frente aos seus desejos e expectativas da época.

Autoras de destaque na ficção brasileira, seus nomes a precedem. Rachel de Queiroz (1910-2003) foi mulher-nordestina, conduziu suas produções vinculadas à sua realidade social e teve o mérito de ser a primeira mulher a ser aceita como membro da Academia Brasileira de Letras. Por sua vez, Lygia Fagundes Telles (1932-2022) mulher-paulista, advogada, contista, romancista, ganhou vários prêmios importantes, dentre eles: Camões e Jabuti e, foi a primeira mulher brasileira a ser indicada ao prêmio Nobel de Literatura.

¹ Mestranda em Letras, área de concentração Estudos Literários (UNEB-X), Especialista em Estudos Linguísticos: Leitura e Produção de Textos (UNEB-IX), Licenciada em Letras Português/ Literaturas (UNEB-IX) e professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual da Bahia. Contato: daianemoura82@gmail.com.

² Este artigo é uma síntese parcial e revisada dos resultados da minha dissertação de mestrado no ano de 2023.

Em 1939, Rachel de Queiroz publicou o romance *As três Marias*, ambientado em Fortaleza, Ceará, o romance narrado em terceira pessoa por uma das protagonistas, Maria Augusta, apelido Guta, conta a história de três amigas que vão morar em um internato. *As Meninas*, escrito em 1973 por Lygia Fagundes Telles, apresenta a narrativa de três jovens acadêmicas que se conheceram em um pensionato de Freiras, na capital São Paulo, em pleno período da Ditadura Militar. Neste romance, o foco narrativo oscila, ora em primeira, ora em terceira pessoa, o que confere ao livro uma técnica narrativa diferenciada.

Rachel de Queiroz fazia parte da geração modernista de 30, assistiu ao primeiro momento do Feminismo no Brasil, mas não era simpática ao movimento, sua postura respeitava a ordem falocêntrica, tempos estes em que a ideologia patriarcal foi fortemente presente. Já, Lygia Fagundes Telles, nas décadas posteriores, buscava novas alternativas para romper essa ordem. Com isso, temos produções literárias com vozes de autoras com ideais distintos que nos mostraram qual o lugar da escrita feminina e como de fato essas histórias podem ser contadas. Lúcia Castelo Branco e Ruth Silviano Brandão (1989) reforçam esse argumento e apontam:

Ao ocupar este lugar do feminino, este lugar de uma outra lógica, homens e mulheres podem produzir textos no registro da escrita e feminina. Neste lugar, que é sempre o do descentramento com relação ao que se pode chamar de literatura oficial, outra voz se fará ouvir: a voz do feminino (Branco; Brandão, 1989, p. 188).

Portanto, ao realizar a leitura das duas obras, foi perceptível encontrar tessituras possíveis entre essas vozes femininas. Interessada por entender as semelhanças e diferenças entre os objetos de estudo, a primeira ligação foi com o núcleo central de protagonistas, para cada livro, três mulheres e suas respectivas histórias: no romance *As três Marias*: Maria Augusta, Maria José, Maria da Glória; no romance *As Meninas*: Lia, Ana Clara e Lorena. Observa-se com essa congruência que além da quantidade exata de personagens nos dois romances, não só pelo número, mas de igual forma os cenários símiles - colégio interno e pensionato de freiras - possibilitaram em ambos romances, entrelinhas de diálogos que traçaram e entrelaçaram impressões nas quais influenciaram todo o percurso narrativo.

Ana Pizarro (1985) e Tania Carvalhal (2006) entendem a Literatura como um processo que visa à leitura de elementos de outras literaturas pelas literaturas latino-americanas, que partem do diálogo entre literatura e identidade. Por sua vez, Sandra Nitrini (2015) percebe que o trabalho comparatista não deve limitar-se ao simples ato de relacionar textos, pois a vida do(a) autor(a) é um fator importante na obra. Para ela, o fator histórico é primordial, pois demarca a cronologia enquanto situa ou elimina devidamente as aproximações.

Dessa maneira, observam-se claramente as inter-relações comparatistas nas obras de Rachel de Queiroz e Lygia Fagundes Telles, mulheres latinas, que buscaram na literatura registros das identidades femininas. Apresentaram a representação de experiências de jovens brasileiras, em épocas diferentes, tentando avançar em pautas que as mulheres na década de 30 e 70 ainda não conseguiam.

Por isso, os romances têm singularidades, começam com demarcações de padrões patriarcais pré-estabelecidos e, no decorrer do enredo, se transformam em territórios de resiliência. Assim, não basta uma narradora para representar o feminino nas obras, foi necessária a ocupação de várias vozes de mulheres, requerendo seu lugar de fala, pois a elas o silêncio pertenceu durante décadas. Essa condição de libertação não é uma mera reprodução, é a recriação das vozes de uma época. Rachel de Queiroz e Lygia Fagundes Telles nos ofereceram uma estética narrativa que deu formas às potencialidades literárias, estimularam mudanças de foco e revigoraram os deslocamentos da linguagem, provocando desencontros propositais à narrativa, justamente porque estas mulheres detiveram, à sua maneira, autonomia em suas escritas.

Porém, nem sempre foi assim. Entende-se que o objeto literário durante muito tempo foi/é construído sob o viés do machismo e sexismo, nota-se que ao longo das narrativas por diversas vezes a escrita e a leitura desse material foram atravessadas por ciclos de violência contra mulheres. Eram-nos apresentadas mulheres resignadas, silenciadas e anuladas através da condição social imposta a elas. Por isso, o que interessou a esta pesquisa foi pensar como estas mulheres escreveram sobre estas abordagens.

É nesse sentido que se fez importante mapear as representações das violências de gênero inscritas na literatura brasileira. Os romances, *As três Marias* e *As Meninas* apresentam personagens que exploram pautas pertinentes à condição da mulher na sociedade do século XX: luta feminina, misoginia, sexismo, objetificação e sexualização, bem como a tentativa de emancipação.

Desse modo, o suporte teórico da pesquisa partiu, primeiramente, de teorias que estudam a literatura comparada, para tal busquei respaldo em Ana Pizarro (1985), Tania Carvalhal (2006) e Sandra Nitrini (2015). Segundo, procurei apontar caminhos para compreender os tipos de corpos e a construção do conceito de gênero, a esta investigação Elódia Xavier (2007), Judith Butler (2001), Conceição Evaristo (2020), Eurídice Figueiredo (2013) e tantas outras colaboraram para efetivar esse debate. Por fim, conceituei violência de gênero, feminicídio, fazendo um paralelo com o aporte jurídico da Lei Maria da Penha,

associando-os com estudos teóricos dentro do repertório contemporâneo de Heleieth Safiotti (2015), Lia Zanotta Machado (2010), Marcela Lagarde (2011), dentre outras.

Assim sendo, os dois romances conferem ao texto literário o caráter de apresentação da figura feminina em determinada época, mas não somente essa reflexão está em destaque, vertentes políticas, religiosas e filosóficas também circulam nestes enredos. É possível confirmar que os romances de Rachel de Queiroz e Lygia Fagundes Telles apresentam pontuais amostragens a partir de questões que envolvem corpo feminino, violência de gênero e sexualidades.

Corpos que pesam: imaginários da representação

O estudo das narrativas de autoria feminina pelo viés do corpo inscreve-se na cena literária ocupada por Rachel de Queiroz e Lygia Fagundes Telles, mulheres que narraram um corpo que difere do masculino. Elódia Xavier confirma essa ideia quando aponta que o corpo representado é um local de inscrições “sociais, políticas, culturais e geográficas” (Xavier, 2021, p.22). Em outra via, Conceição Evaristo (2020, p. 42) afirma necessário “criar um texto que informa o corpo autoral”.

Desse modo, em *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*, Judith Butler (2022) apresenta ponderações teóricas de como os corpos são ou não construídos, e porque fracassam. Segundo a filósofa, à medida que estes corpos não têm o apoio necessário são qualificados como corpos que pesam, porém, não são inertes aos códigos culturais, mas são restritos aos espaços que o conduzem a seguir as diretrizes sociais vigentes.

Nas obras em estudo, estas percepções foram localizadas quando identificamos corpos violados de mulheres que sofreram repressões, abusos psicológicos e sexuais, como a representação em Maria Augusta, em *As três Marias* e Ana Clara, em *As Meninas*. Ou corpos fora do eixo normativo de gênero cis, como os *corpos-atritáveis*³ das mulheres lésbicas em Maria José e Hosana ou, em Lia e sua amiga de infância.

Por isso, nesta pesquisa também houve a preocupação com os corpos desvelados a partir de outros três pontos: sexualidades, erotismo e virgindade. Nesse sentido, foram abordados como as mulheres inventadas por Rachel de Queiroz e Lygia Fagundes Telles exploraram as sexualidades e como esses corpos respondiam às expectativas a sua volta. Para tal propósito, foram mencionados os tipos de corpos que a escritora Elódia Xavier (2021) elenca em seu livro *Que corpo é esse?*, associando-os aos corpos representados por Queiroz e Telles, o que

³ “É próprio dos corpos sexualmente insubmissos das lésbicas, das sapatonas” (Azevedo, 2020, p. 310).

serviu a pesquisa como parâmetro para observar cada tipo de corpo, porém, sem rigores, pois podem sobrepôr a outros tipos de corpos não elencados por Xavier.

As protagonistas das histórias analisadas sentiram o peso de ter um corpo de mulher em sociedades administradas pelos pilares patriarcais. Seus finais não foram românticos. Haja vista, em *As três Marias*, como diz Elódia Xavier, Maria Augusta tem o *corpo imobilizado* e está submersa nas estruturas dominantes da sociedade e naturaliza adestramentos impostos pelo patriarcado (Xavier, 2021). Maria Augusta, frustrada com as decepções na capital, retornou para a casa dos pais no interior: “Sinto-me cada vez mais triste, doente e só” (Queiroz, 2017, p. 193). Maria José, *corpo invisível*, se escondeu na sua religiosidade, reclusou-se no celibato e não se assumiu lésbica: “Maria José, também triste e deprimida, queixa-se muito, ultimamente” (Queiroz, 2017, p. 139). Maria da Glória, *corpo disciplinado*, viveu o casamento tão sonhado, mas não aparenta felicidade: “Glória simulava escutar Maria José, mas não tirava o olho de mim e do filho. Talvez tivesse ciúmes daquela sensação de felicidade que a presença do pequeno me dava” (Queiroz, 2017, p. 188).

Depois, em *As Meninas*, Ana Clara, *corpo degradado*, não resistiu aos traumas da infância, submergiu as drogas e morreu: “Arranco o gorro e enxugo a cara: Ana Clara já virou corpo. Nomes, apelidos, tudo desapareceu e ficou só o corpo. Eu disse o corpo. Aceitei sua morte” (Telles, 2009, p. 264). Lia, *corpo político*⁴, precisou fugir do Brasil devido à censura da Ditadura Militar “Seu namorado vai embarcar. Argélia, um dos primeiros da lista, queria estar no lugar dele. Na notícia sai amanhã, pode arrumar seu passaporte” (Telles, 2009, p. 140) e Lorena, *corpo liberado*, vivia questionando a virgindade das amigas, explorou seu corpo sozinha e buscou autoprazer na masturbação, porém, fechou-se no enclaustramento do Pensionato: “sentei-me na cama. Era cedo para tomar banho. Tombei para trás, abracei o travesseiro e pensei em M.N” (Telles, 2009, p. 13).

Para Foucault (2020) o desenvolvimento do capitalismo vigora através da era de um “biopoder” que nasce a partir do controle dos corpos, como aparelho de produção e ajustamento dos processos econômicos. Segundo ele, as tais disciplinas do corpo e as regulações da população são dois polos em torno dos quais o poder se organiza sobre a vida. Sendo assim, esta teoria se confirma com os exemplos acima e também se aplica às regulações dos corpos das mulheres em *As três Marias* e *As Meninas*.

⁴ Termo nomeado por mim, não referenciado na obra *Que corpo é esse?*. Lê-se o corpo de Lia como território político que se insere em um dado contexto histórico. Lia era militante de esquerda e coloca seu corpo a disposição da luta contra a Ditadura Militar.

Dito isto, as violências que incidem sob os corpos inscritos como mulheres na sociedade são retratadas na literatura racheliana e lygiana como corpos passíveis à violência de gênero. Isto se confirma atualmente a partir da crítica literária feminista contemporânea que nos ajuda a compreender o lugar dos corpos através da condição feminina de cada época.

Corpos que pensam: para além das estatísticas

Não é de hoje que crimes contra mulheres são registrados diariamente em diversos boletins de ocorrência Brasil afora. Segundo os dados do 15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado pelo Instituto Patrícia Galvão, foram registrados 1.350 casos de feminicídios no Brasil em 2020, um crescimento de 0,7% com relação a 2019. Desse total, 74,7% das vítimas tinham entre 18 e 44 anos, 61,8% das mulheres eram negras e 81,5% foram mortas pelos companheiros ou ex-companheiros (Instituto, 2021).

Nota-se também que é de ontem essas demarcações de violência. Neste estudo, com recorte temporal década 30/70, foram localizados nos romances *As três Marias* e *As Meninas* ciclos de violência que partiram principalmente da condição do gênero, da classe social, da idade e também da violência interpessoal dentro de relacionamentos ou tentativas forçadas de envolvimento amorosos e sexuais.

Embora os crimes de gênero estudados para esta pesquisa partam da década de 30 e 70 e nesse período as leis de proteção às mulheres ainda não existiam com o devido rigor, foi preciso consultar os aportes da Lei Maria da Penha de 2006 para conseguir diferenciar os tipos de violência previstos nas leis brasileiras. Na Lei n.º 11.340 estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial.

Nos livros em análise foram localizados quatro tipos de violências previstas na lei: física, psicológica, moral, sexual. Maria Augusta, em dois envolvimento amorosos que teve, sofreu violência física, moral e psicológica. Tal como: “Raul me apertava os braços, falando baixinho, pedindo coisas. Eu ia retirando as mãos, torcendo o rosto aos beijos, afundando-me na almofada, fugindo para o canto mais longe do assento” (Queiroz, 2017, p. 127). Em *As Meninas*, Ana Clara, desde a infância até a vida adulta, sofreu violência física, moral e sexual. Na infância foi abusada no consultório do dentista e já adulta por um homem que a oferece carona:

O sangue endurecido. O fecho machucava meu pescoço principalmente depois que ele começou a alisar o guardanapo com mais força enquanto repetia a beleza que a ponte ia ficar. Mais perto o cheiro de cerveja e mais perto o olhinho azul como conta por detrás do vidro sujo dos óculos (Telles, 2009, p. 41).

O segundo ponto de investigação parte no que culmina após sucessivas outras violências. O crime de morte das mulheres, conhecido como feminicídio. Para a escritora Marcela Lagarde (2004), que propôs pela primeira vez nos estudos acadêmicos o uso do nome “feminicídio”, este implica no “conjunto de delitos de lesa humanidade que contém os crimes e os desaparecimentos de mulheres” (Lagarde, 2004, p. 05). No estudo das obras foram localizados três casos de feminicídio, um em *As três Marias* e dois em *As Meninas*. Foram histórias de assassinatos brutais contadas e ouvidas nos corredores do Colégio e do Pensionato. Para este artigo apresento dois fragmentos. Em Rachel de Queiroz, temos:

[...] Mamãe estava na rede, comigo no colo, e me dando peito. Ele veio com a carta na mão, esfregou-lhe o papel na cara, perguntando se ela não conhecia aquela letra. A pobrezinha não disse nada, agarrou-se comigo, sem coragem de olhar para ele. E o desgraçado, enterrou-lhe o punhal nas costas, ela deu um gemido rouco, foi me soltando dos braços, e rolei no chão, e me lavei toda no sangue que ia empoçando no tijolo. Foram três punhaladas. Morreu sozinha, sem ninguém ajudando, sem nem ao menos uma vela na mão [...] (Queiroz, 2017, p. 24 e 25).

As pesquisadoras Montserrat Sagot e Ana Cacerdo (2006) demarcam três tipos de feminicídio: íntimo, não íntimo e por conexão. Nos dois romances, encontramos, nos três casos narrados, o tipo de feminicídio íntimo. Ele está associado ao tipo de relação pessoal, familiar, afetiva e sexual que a vítima tem com o agressor, como no excerto:

— Esse vizinho que não atende o telefone. Mãezinha adora histórias de crime, outro dia me contou um crime horrível que houve na França. Um padre.

— Já faz tempo. Ele assassinou no bosque a amante grávida, tirou o feto, batizou o feto tudo direitinho e depois enterrou mãe e filho debaixo de um carvalho e ainda fincou em cima uma cruzinha de graveto, já pensou? Só fico me perguntando que nome ele botou no filho (Telles, 2009, p. 152).

Lia Zanotta Machado (2015) explica que a categoria da violência de gênero sustentada pela definição dos direitos das mulheres como direitos humanos a não violência. Machado (2015) afirma que esses direitos precisam ser constantemente examinados e revisitados para que todos os dispositivos jurídicos mediados pelos mecanismos culturais recobrem os conflitos interpessoais de gênero e não resultem em mais violência e morte de mulheres.

A partir dessas amostragens dos tipos de corpos femininos e das violências de gênero nas obras, compreendemos que esses corpos em trânsito mapeiam um quadro dos crimes de violência e identificamos que as mulheres no Brasil também sofriam violências na década de 30 e 70. Assim, compreende-se que, em Rachel de Queiroz e Lygia Fagundes Telles a violência contra mulheres foi instaurada por uma potência que destrói a ordem vigente e

transgride a norma dominante. Através dos seus textos elas inscreveram diretamente a subversão da margem imposta às personagens.

Reflexões finais

A leitura dos romances *As três Marias* e *As Meninas* colaboram com entendimento atual sobre o trajeto do corpo feminino atravessado pelos confrontos sexistas e marcados pela violência histórica contra as mulheres no Brasil. Com isso, podemos compreender que é notório o silenciamento e o esquecimento nos quais as mulheres escritoras tiveram que conviver, resultando na ausência da presença feminina na literatura brasileira no século XIX e na primeira metade do século XX. Isto representa, não obstante, o silêncio da história brasileira em relação a essas mulheres que foram apagadas durante séculos pela falta de força política nesta sociedade regida pelos princípios patriarcais, sexistas e opressores.

Na contemporaneidade já é possível afirmar que sem o movimento feminista, as mulheres não teriam tido espaço de escuta, e as autoras do século XIX não teriam seus textos publicados. Muitas delas não se declaravam feministas, como Rachel de Queiroz, mas mesmo esta ao se impor diante da sociedade e ao buscar além das restrições, teve atitudes feministas. Pois, como Eurídice Figueiredo aborda:

É graças à possibilidade de criar um duplo de si que as escritoras podem expor-se, com seu próprio nome, nessas formas de autoficção, desvelando assuntos tabus como incesto e prostituição ou explorando temas como lesbianismo, desdobramento esquizoide ou paranoico, porque a autoficção não tem compromisso com a verdade, ela é uma ficção que se inspira e joga, livremente, com os biografemas (Figueiredo, 2013, p. 73).

Dessa maneira, os romances aqui apresentados conseguiram refletir sobre como estas escritoras romperam barreiras, produziram além do cânone masculino e se dispuseram a narrar mulheres vulneráveis à violência, carregadas de inseguranças e medos, mas também resilientes e alocadas de vozes femininas carregadas de alteridade que abriram caminho para as novas gerações.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Adriana. Corpo-atritável ou uma nova epistemologia do sexo. In: HOLLANDA, H. B. **Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global**. [et al]. Org. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 303- 329.

BRANCO, Lúcia Castelo; BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. São Paulo: Casa Maria, 1989.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. L (Org.). O corpo educado. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo /organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes. 1. ed. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho**: autobiografia, ficção e autoficção. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**. A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

INSTITUTO, Patricia Galvão. **15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2021)**. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-fbsp-2021/>. Acesso em 29, jun. 2023.

LAGARDE, Marcella. Por La vida y La libertad de las mujeres. Fin al femicídio. El Dia, V., fevereiro, 2004. In: Pasinato, Wânia. **“femicídios” e as mortes de mulheres no Brasil**. Cadernos Pagu (37), p. 219-246, julho - dezembro, 2011.

MACHADO, Lia Zanotta. **Feminismo em movimento**. 2ª ed. São Paulo: Francis, 2010.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: História, Teoria e Crítica. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

PIZARRO, Ana (org.) **La literatura latino-americana como proceso**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.

QUEIROZ, Rachel. **As três Marias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAGOT, Montserrat; CARCEDO, Ana. “Cuando la violencia contra las mujeres mata: femicídio en Costa Rica, 1990-1999”. In: Corrêa *et al.* (orgs.) **Vida em Família**: uma perspectiva comparativa sobre “crimes de honra”. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/UNICAMP, 2006, p. 405-438.

TELLES, Lygia Fagundes. **As Meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.